



Agroecologia e Empoderamento Feminino no Contexto da Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI

José Renan Nunes de Oliveira e Silva

Valéria Silva

Universidade Federal do Piauí – Campus Ministro Petrônio Portella
rennanoliveira09@gmail.com; valeriasilvathe@gmail.com.

RESUMO

Artigo proveniente de investigação junto ao Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI, Brasil. Tem por objetivo delinear as relações engendradas e impactos desencadeados pelas práticas agroecológicas sobre a condição de gênero de mulheres rurais, nas relações sócio-políticas travadas. Partindo da revisão de literatura, a hipótese lançada é que a agroecologia, enquanto ciência e prática social complexa, pode se constituir em ambiente favorável ao enfrentamento das desigualdades de gênero, concorrendo para o empoderamento feminino.

A revisão de literatura e a entrevista grupal foram escolhidas como estratégias mais profícuas para a construção coletiva do conhecimento e colimação do objetivo proposto.

Evidencia-se que as mulheres rurais participantes do trabalho percebem a relevância da agroecologia e que as práticas agroecológicas já provocam alteração positiva em suas vidas. Fica claro também que a situação de gênero é processual, carecendo de avanços cotidianos.

Palavras-chave: Práticas agroecológicas; desigualdades de gênero; mulheres; Extensão Universitária.

INTRODUÇÃO

A literatura denota que o termo Agroecologia começou a ser utilizado nos estudos de agricultura por volta de 1970, aportando princípios divergentes do manejo da produção convencional do campo baseado no uso de venenos, na racionalização absoluta e na aceleração da produção, o qual passou a ser conhecido como Revolução Verde. Configurando-se como um “. . . enfoque teórico e metodológico que, lançando mão de diversas disciplinas científicas, pretende estudar a atividade agrária sob uma perspectiva ecológica . . .” (Caporal & Costabeber, 2004, p.12), a Agroecologia considera toda a complexidade do real, realçando, na sua abordagem, as ideias de respeito à cultura e ao conhecimento tradicional, liberdade, justiça social e proteção ambiental. Conforme delineada, a Agroecologia vem contribuindo para a construção de análises complexas sobre os sujeitos e dinâmicas do meio rural, revelando-se como um aporte fundamental para a percepção diferenciada de realidades a serem transformadas.

Muito embora a sociedade capitalista como um todo esteja assentada na lógica da desigualdade, é no espaço rural onde se percebe a materialização daquelas mais inquietantes, dentre elas, a de gênero. Predominando o modelo hierárquico patriarcal, onde “. . . os homens mandam e as mulheres trabalham muito em atividades produtivas e reprodutivas . . .” (Oliveira, 2016, p. 27), nos grupos rurais as mulheres ocupam lugares de invisibilidade e de submissão. O patriarcado, então, se (re)afirma e se perpetua pelo mecanismo da inferiorização desses sujeitos, que normalmente naturalizam sua condição de dependente de outrem.. Nesse contexto, o movimento feminista, ora organizado dentro do

movimento agroecológico, surge como alternativa de luta das mulheres que cotidianamente sofrem diversos tipos de violência e negação de direitos, entendendo a necessidade, para sua libertação, de uma “profunda mudança de todas as estruturas das quais elas participam, e uma ‘*unité de rupture*’, ou seja, a descoberta, pelo movimento revolucionário, do elo mais fraco na combinação” (as cited in Saffioti, 2011, p. 96).

A internalização das práticas/vivências da agroecologia orientando a postura assumida diante da produção e da vida tem possibilitado uma transformação neste cenário, onde a mulher não mais aceita sua até então condição de dominada e toma a frente de diversos espaços e discussões que lhes eram negados. Esse modo de viver vem, antes de tudo, subsidiando o reconhecimento das mulheres como sujeitos políticos, cidadãs, fazendo-as conduzir-se como donas que são de sua própria história, pois “. . . o lugar ocupado pela mulher na sociedade é também determinado pelo seu lugar na família” (Oliveira, 2016, p. 14).

Ao fim do estudo, pretendemos estabelecer relações entre as contribuições da agroecologia e das suas práticas para o empoderamento dos sujeitos mulheres rurais que participam da Feira UFPI, verificando também a consolidação de um dos principais objetivos do Projeto de Extensão aludido, o de “. . . ampliar a produção e geração de renda dessas mulheres, contribuindo para a melhoria das condições de vida em cada comunidade rural, além de somar para o empoderamento feminino nas relações de gênero experimentadas em cada local” (Silva, 2016, p. 11). O sentido de empoderamento hora trabalhado “equivale, num nível bem expressivo do combate, a possuir alternativa(s), sempre na condição de categoria social” (Saffioti, 2011, p. 114).

METODOLOGIA

Partimos da compreensão que o conhecimento é coletivamente construído e que cada sujeito intervém no mundo a partir das sínteses que elabora no contexto das relações estabelecidas com sua realidade complexa de vida. Assim, a escolha da metodologia privilegiou a possibilidade das mulheres rurais se manifestarem livremente, sentindo-se confortáveis em falar das suas próprias vivências enquanto produtoras rurais, enquanto mulheres, cidadãs e políticas, colocando-se como co-construtoras daquilo que trazemos neste texto. Também nos conduzimos de modo a causar a menor interferência na dinâmica de construção das informações, a fim de que pudéssemos acessar as narrativas o mais próximas possível das experiências de cada uma das mulheres.

As técnicas escolhidas foram a revisão de literatura e a entrevista coletiva. A primeira acessada para maior elucidação da problemática abordada (Luna, 1998), recaindo especialmente acerca de duas categorias teóricas fundamentais: agroecologia e gênero. A segunda, a entrevista grupal, foi escolhida por se mostrar com maiores possibilidades de potencializar a apreciação da questão pelos sujeitos; tanto porque enseja a participação simultânea de mulheres de todas as comunidades membros do projeto de extensão, quanto porque entendemos que a dinâmica grupal gera uma sinergia própria da interação entre os sujeitos, nunca alcançada quando da realização de entrevistas individualizadas (Gaskell, 2002). As trocas de informações entre as mulheres, a identificação de problemas e atitudes comuns, a circularidade das emoções podem estabelecer um contexto de construção de conhecimento que supera a mera racionalidade individual, trazendo também para análise componentes dos construtos que orientam a ação coletivamente construída pelas mulheres rurais participantes do presente trabalho.

Para suscitar o debate, apresentamos tópico acerca do entendimento que tinham da agroecologia e tópicos abordando o impacto exercido pelas práticas de cada uma delas no âmbito da agroecologia (horta, feira, eventos agroecológicos diversos) na assunção de posições mais empoderadas.

A entrevista foi realizada no contexto de uma das feiras regulares, sendo tomadas as medidas necessárias para o bom andamento da mesma. Para compor o grupo a ser entrevistado convidamos uma mulher rural de cada localidade, quais sejam: Povoado Ave Verde, Povoado Soim, Assentamento Vale da Esperança, Projeto Casulo Alegria e Comunidade Serra do Gavião.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

É certo que a relação entre gênero e agroecologia pode ser, a princípio, de difícil entendimento por grande parte das pessoas, tendo em vista que a própria interpretação do termo agroecologia surge equivocada em grande parte dos casos. Contudo, não resta dúvida de que os dois conceitos estão intrinsecamente ligados. A agroecologia “. . . estabelece as bases para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável . . .” (Caporal & Costabeber, 2004, p. 6-7), e, “. . . para alcançá-lo, é necessário romper as estruturas que reproduzem e mantem as desigualdades, tanto no interior dos sistemas familiares, quanto em outros níveis da organização social agrária . . .” (Barbosa, 2004, p. 25), colocando as mulheres como as principais beneficiadas nesse resultado, já que são as mais prejudicadas no modelo de sociedade patriarcal e, no Brasil, são a maior presença nas atividades agroecológicas.

“*Cansei de ser domesticada, quero andar com os próprios pés . . .*”. O trecho dessa canção de autoria do Movimento dos Pequenos Agricultores retrata o desejo de muitas dessas mulheres, que cansadas de ter seus direitos e identidades cerceados e limitados, sonham em romper com a dominação masculina fortemente enraizada no campo. Destarte, no que respeita ao gênero, a Agroecologia traz contribuições que vão “. . . muito além de aspectos meramente tecnológicos ou agrônômicos da produção, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade . . .” (Caporal & Costabeber, 2004, p.13) do planeta e do convívio humano liberto de desigualdades.

A partir da entrevista grupal com mulheres das comunidades e assentamentos que integram o projeto de extensão “Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI”, foram construídas algumas informações acerca da percepção tida da agroecologia, bem como das transformações ocorridas em suas vidas, possibilitadas pelas práticas no âmbito de hortas, eventos e feiras agroecológicas, as quais contribuíam para que pudessem assumir posições de empoderamento em suas relações familiares, comunitárias e na sociedade de um modo geral. A primeira reflexão que se coloca é que parte das entrevistadas, de início, não conseguiu perceber algumas das transformações ocorridas em suas vidas após a convivência com a agroecologia. Entretanto, com o decorrer da conversa e a interação grupal, acessaram fatos e situações envolvendo sua condição de mulher rural agroecológica e sua condição de sujeito ativo, evidenciando a potência da metodologia empregada. Quando indagadas sobre o sentido da agroecologia, encontramos que ainda se sobrepõe especialmente a noção da saúde, como evidencia Isaura, seguidos de liberdade, conhecimento, independência financeira, sociabilidade.

Na minha família o meu pai morreu com CA [câncer]. A minha mãe tá com começo de Alzheimer, e tudo isso acho que é a influência da má alimentação, aquele aperreio. Apesar da minha mãe ter sido criada na roça, meu pai na roça, mas não deixa de não ter ingerido alguma coisa aí que tenha facilitado o desenvolvimento do câncer dele né, do mal de Alzheimer da mamãe. E a agroecologia, como eu tenho gastrite, eu me senti muito melhor depois que eu abominei certas coisas . . . (Isaura, 2018)

A agroecologia, em consonância com a Feira, representa também liberdade, conhecimento e novas sociabilidades que concorrem para a construção de novos lugares de subjetividade feminina. Outra entrevistada afirmou que agora, com o conhecimento adquirido através da participação nas Feiras, as práticas agroecológicas, e após o divórcio, ela experimenta a sensação de ter mais liberdade de expressão, e até mesmo de ir e vir, de autonomia,

endossando os achados de Oliveira (2016) quando afirma que a “. . . tradição patriarcal que organiza este cotidiano nega às mulheres a possibilidade de exercerem um princípio fundamental de ser sujeito: a liberdade de ir e vir” (p. 30). A narrativa da entrevistada traz que

Antes eu não tinha liberdade, eu não tinha liberdade de expressão, eu não tinha direito de sair, e depois que eu fiquei sozinha eu saio pra onde eu quero, eu chego na hora que eu quero, **eu decido o que eu quero e o que eu não quero** [emphasis added], vou trabalhar, que antes eu não ia . . . , e essa Feira aqui é maravilhosa, é tudo. É uma escola pra gente (Laura, 2018).

A entrevistada segue narrando que sua própria decisão de encerrar um casamento não satisfatório se deu neste contexto de trabalho com as práticas agroecológicas, onde tomou coragem para passar a viver sozinha e usufruir dos direitos e liberdades que aos homens já são franqueados desde sempre. Outra mulher reconhece que na sua família as relações já estão bem avançadas, onde todos fazem trabalhos de casa, independente do gênero. Esta realidade a oferece uma melhor condição, em vista de isentá-la um pouco mais da carga do trabalho doméstico, majoritariamente responsabilidade única da mulher da casa.

Discutindo outro aspecto, as mulheres apontaram o fim da dependência financeira, identificando a importância de tal realidade na condução de uma vida autônoma, que aponte para o empoderamento feminino: “se eu precisava de dez reais eu tinha que ficar pedindo meu marido né, e agora eu vou pedir pra quem? Pra mim mesma” (Luísa, 2018). Embora de alta relevância, a redefinição da situação financeira das mulheres ainda é insuficiente para sua presença autônoma no mundo. Compreendemos que para produzir e/ou viver de maneira mais saudável e sustentável, para o planeta e para as pessoas, precisamos avançar. Impõe-se também a construção e cultivo de afetos, de vínculos, de respeito mútuo. É pensar, viver e trabalhar de maneira sistêmica, entendendo a complexidade da vida e das relações que nela se verificam, é ser capaz de entender a totalidade e de nela localizar as particularidades, num movimento dinâmico, conforme explicam as entrevistadas:

Não só o dinheiro né, [é também] o conhecimento. A gente tem conhecimento com as pessoas, as pessoas conhecem a gente. Teve uma feira que eu não fui, tava muito gripada e não fui. Pois teve gente que disse assim: “Eu senti falta de você, essa mesa não tava completa”. (Luísa, 2018);

Todos nós que fazemos parte da Feira, nossa perspectiva é essa aí de ir sempre em frente, conseguir a liberdade, conseguir andar com seus próprios pés. Coisas melhores cada dia mais, cada tempo que passar, a gente conquistou mais coisas boas pra gente, né? Não só pra uma comunidade ou pra duas, mas pra todas que fazem parte da Feira. (Laura, 2018)

Os sentidos trazidos nas narrativas apontam que a agroecologia, quando praticada complexamente, levando em conta todos os aspectos implicados na convivência humana, tem o poder de transformar as relações em todas as dimensões, inclusive, quanto ao lugar que as mulheres ocupam. Possibilita às mesmas fazer novas leituras de si e dos processos que vivenciam, permitindo-se ocupar novos lugares socioculturais de maior potência.

Entretanto, não obstante os avanços evidenciados na direção da liberdade, equidade, relações de gênero mais justas e igualitárias, tal realidade mostra-se processual, onde “. . . as possibilidades de construção da cidadania e emancipação das mulheres ainda são muito restritas” (Oliveira, 2016, p. 29). A naturalização da atitude dos maridos e/ou filhos *ajudarem* nas tarefas domésticas ou no trabalho da horta, por exemplo, desresponsabilizando-os da divisão igual do trabalho e incumbindo-se da realização da maior parte das tarefas ainda se manifesta em suas vidas, como encontramos junto a uma das entrevistadas: “. . . Toda vida sempre eles [os filhos] me ajudaram, não vou mentir.” ou “porque se não fosse ele [marido], eu não conseguia, sabe? Eu não consigo fazer tudo só.” (Luísa, 2018). A narrativa traz para consideração que os avanços galgados pelas mulheres ainda são marcados por importantes percalços que precisam ser superados, rumo a maior assunção de suas subjetividades ativas.

CONCLUSÕES

Com base nas informações construídas é possível apontar a relevância da agroecologia enquanto ciência/prática que possibilita o desenho de um novo projeto societário. Pelas informações construídas vimos que a agroecologia empodera sujeitos, reconstrói histórias, nutre afetos, fortalece relações. Na experiência analisada observamos que a transformação proporcionada por esse modelo alcança todos os níveis da vida humana: a esfera da produção, do consumo, das relações, colocando em cena sujeitos antes esquecidos, neste caso as mulheres, que dentro da hierarquia familiar encontram-se em posição inferior, desprestigiadas, reféns da boa vontade das figuras masculinas que tradicionalmente lideram o grupo familiar.

A fala das entrevistadas mostra a importância da agroecologia – e nesse âmbito a Feira UFPI – em suas vidas, resignificando-as, garantindo a efetivação de direitos fundamentais e subsidiando o sentimento de maior autonomia, hoje já experimentado por elas.

Ao fim do trabalho, conclui-se que a agroecologia tem provocado a consciência da problemática de gênero, tem modificado alguns importantes contextos, conferindo à mulher a oportunidade de se colocar de maneira mais empoderada nas relações que trava, o que se mostra como importante conquista. Entretanto, a partir das entrevistadas, fica claro que a questão da desigualdade de gênero na complexidade em que se apresenta no campo permanece como questão a ser enfrentada cotidianamente.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa, J. S. (2004). *Agroecologia e gênero: a construção de um 'Novo Horizonte' em Araponga – MG*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa). Retirado de: http://orgprints.org/17362/1/Barbosa_UFV_2004.pdf

Caporal, F. R.; Costabeber, J. A. (2004) *Agroecologia: alguns conceitos e princípios*. 24 p. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA.

Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, Martin W. e Gaskell, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Editora Vozes. p. 64-89.

Luna, S. (1998). A revisão de literatura como parte integrante do processo de formulação do problema. In: _____. *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*. São Paulo, EDUC. p. 80-103.

Oliveira, M. de. L. S. (2016). *Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento em assentamentos de reforma agrária: o caso do Saco do Rio Preto em Minas Gerais*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). Retirado de: http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/2006%20d_maria_de_l_souza_o_liveira_2006.pdf

Saffioti, H. I. B. (2011). Não há revolução sem teoria. In: _____. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo, Grafium Editora/Fundação Perseu Abramo.

Silva, V. (2016). *Projeto de Extensão Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI*. Teres

